



Estudos Sobre Daniel e Apocalipse

Daniel e Apocalipse

F.T. Wright

Nota de Publicação:

Esta série de estudos sobre os livros de Daniel e Apocalipse foi publicada na Revista *The Messenger and New Review* com início em Novembro de 1993 e terminou com o capítulo 33 em Julho de 1996.

A publicação dos 33 capítulos da presente compilação da tradução para a língua portuguesa desta série, coloca ao dispor dos estudantes da verdade de Deus temas importantes destes dois livros apresentados por F. T. Wright.

Índice

A Revelação do Sonho	9
O Poder da Igreja e o Poder do Estado	16
A Justiça Exalta a Nação	23

Capítulo 25

A Revelação do Sonho

De depois de Daniel ter recebido de Deus um conhecimento do sonho e da sua interpretação, estava pronto para relatar tudo ao rei. Calmamente, sem medo de permanecer na frente dele, iniciou a sua explicação sobre o sonho e o significado dos seus símbolos. Primeiro descreveu o sonho em si, e depois explicou os símbolos. Este é o padrão e o sistema ordenado para revelar as várias profecias ao longo do livro de Daniel – primeiro a descrição dos símbolos, depois a sua interpretação. Este facto merece ser bem salientado, pois em certos capítulos posteriores ajudará a esclarecer alguns pontos importantes das profecias. Cada símbolo tem a sua própria interpretação, e não há interpretações sem um símbolo correspondente. Na grande linha profética simbólica de *Daniel 2*, os símbolos estão todos agrupados nos versículos 31-35 que se lêem da seguinte forma:

“Tu, ó rei, estavas vendo, e eis aqui uma grande estátua; esta estátua, que era imensa, cujo esplendor era excelente, e estava em pé diante de ti; e a sua aparência era terrível.

“A cabeça daquela estátua era de ouro fino; o seu peito e os seus braços de prata; o seu ventre e as suas coxas de cobre;

“As pernas de ferro; os seus pés em parte de ferro e em parte de barro.

“Estavas vendo isto, quando uma pedra foi cortada, sem auxílio de mão, a qual feriu a estátua nos pés de ferro e de barro, e os esmiuçou.

“Então foi juntamente esmiuçado o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro, os quais se fizeram como praga das eiras do estio, e o vento os levou, e não se achou lugar algum para eles; mas a pedra, que feriu a estátua, se tornou grande monte, e encheu toda a terra.” *Daniel 2:31-35*.

Depois de ter completado uma apresentação explícita e abrangente do que o sonho continha, Daniel disse: “Este é o sonho; também a sua interpretação diremos na presença do rei.” *Daniel 2:36*.

Pode-se imaginar o intenso interesse com que o rei ouviu a narração, e enquanto o fazia, como se lembrava do sonho quando este lhe foi dado.

Tão perfeita foi a descrição entre o que o rei viu no sonho e a narração de Daniel, que não havia qualquer dúvida sobre a afirmação de Daniel de que conhecia o sonho.

“Ouvindo com solene atenção à medida que cada particular era reproduzido, o rei reconheceu isto como o sonho sobre o qual ele havia estado tão perturbado; e estava preparado para receber com favor a interpretação.” *The Youth’s Instructor*, 1 de Setembro de 1903.

Por esta razão, o rei não podia contestar a descrição de Daniel sobre o sonho, e nenhum caldeu, astrólogo, ou qualquer outro dos sábios ousaram desafiar a descrição de Daniel daquilo que o rei viu naquele sonho maravilhoso. Foi com contínuo receio pelas suas vidas que os caldeus viram os acontecimentos em desenvolvimento.

Assim começou a interpretação:

“Tu, ó rei, és rei de reis, pois o Deus dos céus te tem dado o reino, e o poder, e a força, e a majestade.

“E, onde quer que habitem filhos de homens, animais do campo e aves do céu, ele tos entregou na tua mão e fez que dominasses sobre todos eles; tu és a cabeça de ouro.” *Daniel 2:37-38*.



Os símbolos e a sua interpretação são tão simples, directos e explícitos, que não se pode deixar de os compreender. Daniel continua a descrever um império mundial extremamente poderoso e próspero que, nessa época, dominava toda a Terra. Ele chamava-se Babilónia, e simbolizava a cabeça de ouro da grande imagem do sonho. Ao poderoso rei ele disse: “tu és a cabeça de ouro.” Ter sido assim reconhecido como o rei indiscutível de todo o mundo por um servo do Deus Altíssimo, um Deus a quem o rei, através do amoroso ministério de Daniel, estava a aprender a respeitar, deve ter sido um momento de orgulho para o Rei Nabucodonosor. Mas Daniel prosseguiu com uma inabalável coragem para anunciar que Babilónia e a sua glória tinham duração temporária nos anais da História futura. Outro reino simbolizado pelo peito e pelos braços de prata se levantaria quando Babilónia estava a cair e a substituiria.

Este desenvolvimento de eventos humanos era definitivamente contrário às expectativas e esperanças do orgulhoso Rei Nabucodonosor. A nação e a cidade de Babilónia, do seu ponto de vista nunca morreriam. A cidade em si estava bem abastecida com água, o poderoso rio Eufrates, que fluía fiavelmente através dela. E parece que havia comida suficiente lá dentro para garantir a sua capacidade de resistir a qualquer cerco indefinidamente. Mas, apesar da firme colocação de todos estes factores, Ciro, no comando do exército Medo-Persa, derrubou a cidade numa fatídica noite em 539 A.C. e Babilónia caiu para nunca mais se erguer. Daniel viveria o suficiente para ver o

fim de Babilónia, mas o Rei Nabucodonosor não. Morreu quando a grande cidade ainda estava na glória do seu poder. Ele reinou de 605-562 A.C.

Num tempo em que Babilónia parecia mais segura, o reino Medo-Persa subiu ao trono do domínio mundial. Mas também este foi sucedido por outro reino, desta vez simbolizado pelo ventre e coxas de bronze. A qualidade moral desses reinos diminuiu, da mesma maneira como a prata é menos valiosa do que o ouro e o bronze é ainda menos do que prata.

O próximo reino a assumir o manto do domínio mundial foi a Grécia sob a liderança de Alexandre, o Grande. Ele derrotou conclusivamente os persas na batalha de Arbela em 331 A.C., e passou a preencher o papel de líder mundial pelo resto da sua curta vida. Morreu em 323 A.C. aos 33 anos. Após a sua morte, a Grécia continuou o seu domínio das nações até que o grande reino de ferro, os romanos, usurpou o poder e a posição de líder mundial conquistando os gregos na Batalha de Pidna em 168 A.C.

De todos os quatro poderes que ocuparam o trono do domínio mundial por sua vez, o quarto, os romanos, mantiveram-no durante mais tempo. Começaram o seu período de supremacia no ano de 168 a.C., mas foram finalmente destituídos do poder quando em 476 d.C. um general germano chamado Odoarco depôs o último dos imperadores romanos. Quando esse dia de acerto de contas finalmente chegou, Roma tinha governado durante seiscentos e quarenta e quatro anos.

Foi durante este longo período de governo pelo poder romano que Jesus nasceu em Belém; fugiu para o Egipto; regressou para passar a Sua infância e juventude em Nazaré; estabeleceu o cristianismo entre os judeus; morreu na cruz; subiu ao Céu; e prometeu aos Seus seguidores um retorno rápido. Os crentes foram ferozmente perseguidos pelos romanos e pelos judeus apóstatas, especialmente após a crucificação quando o poder do Espírito Santo foi dado à Igreja. Houve milhares e milhares de mártires, dois entre eles sendo Pedro e Paulo. O notório Imperador Nero foi o déspota que os sentenciou à morte. Poderosa como Roma era, ainda se sentia ameaçada

pelos cristãos, que eram santos, inofensivos e desarmados, e como tal, ameaça para ninguém. O que os cristãos ameaçavam era o pecado dos romanos que praticavam uma série de males que só poderiam destruir a paz, a prosperidade e a felicidade da humanidade. Deste grande reino, declara-se que era o mais cruel e o mais devastador de todos.

“E o quarto reino será forte como ferro; pois, como o ferro esmiúça e quebra tudo, como o ferro quebra todas as coisas, ele esmiuçará e quebrantará.” *Daniel 2:40.*

Como todos aqueles antes dela, Roma estava destinada a cair quando fosse a sua vez. Mas, na sua queda, ela não foi substituída por uma quinta nação que subisse ao domínio mundial, mas por um reino dividido. “E, quanto ao que viste dos pés e dos artelhos, em parte de barro de oleiro e em parte de ferro, isso será um reino dividido; contudo, haverá nele alguma coisa da firmeza do ferro, pois que viste o ferro misturado com barro de lodo.

“E, como os artelhos eram em parte de ferro e em parte de barro, assim por uma parte o reino será forte e por outra será frágil.

“Quanto ao que viste do ferro misturado com barro de lodo, misturar-se-ão com semente humana, mas não se ligarão um ao outro, assim como o ferro se não mistura com o barro.” *Daniel 2:41-43.*

Todo o sonho é uma exacta predição, para o qual mais detalhes pertinentes serão adicionados à medida que avançamos mais fundo nas outras profecias do livro de *Daniel*.

É uma das capacidades impressionantes de Deus poder prever o que acontecerá de forma tão detalhada com tanta antecedência. Isto foi muito mais do que adivinhação ao acaso pela qual uma pessoa pode acidentalmente fazer uma ou duas predições correctas. Esta profecia tem um ponto de partida específico – o início do reinado da antiga Babilónia como poder dominador do mundo. Isto foi seguido numa ordem exacta por uma sucessão de mais três potências mundiais, totalizando quatro – nem mais e nada menos. Além disso, não havia lacunas no meio. Cada poder preencheu imediatamente a vaga criada pela queda do seu antecessor.

Quando chegou a hora do quarto império mundial acabar, não havia uma quinta nação para tomar o seu lugar. Em vez disso, foi seguida por uma mistura de poderes fortes e fracos. Essa condição continuou até aos dias de hoje. Mais de dois mil anos se passaram desde que Daniel relatou os detalhes do seu surpreendente sonho ao rei, e a história confirmou que a comunicação tem sido verdadeira em todos os aspectos. Além disso, estamos assim munidos de um gráfico de acontecimentos que nos permite determinar a que ponto chegámos no calendário de Deus para este mundo.

O significado da mistura de argila e ferro será estudado no próximo capítulo. Por agora queremos considerar o estabelecimento do reino de Deus no lugar daquele que o homem vem tentando construir.

“Mas, nos dias desses reis, o Deus do céu levantará um reino que não será jamais destruído; e esse reino não passará a outro povo; esmiuçará e consumirá todos esses reinos e será estabelecido para sempre.

“Da maneira como viste que do monte foi cortada uma pedra, sem mãos, e ela esmiuçou o ferro, o cobre, o barro, a prata e o ouro, o Deus grande fez saber ao rei o que há de ser depois disso; e certo é o sonho, e fiel a sua interpretação.” *Daniel 2:44, 45.*

Nestes versículos são apresentados dois montes: o primeiro destes é o monte do qual a pedra é cortada sem mãos. Vede os versículos 34 e 35. O segundo monte é aquele em que a pedra se tornou. Vede o versículo 35.

Para entender esta pedra, o monte do qual ela foi cortada, a destruição de todos os vários reinos da Terra, e o seu crescimento em outro monte poderoso, requer que estejamos familiarizados com certos símbolos bíblicos.

Em primeiro lugar, façamos a pergunta, o que é representado por um monte em profecia?

Em suma, um monte simboliza um reino.

Se um reino é bom ou mau é determinado pelo contexto ou por testemunhos directos. Aqui está um exemplo:

“E pagarei a Babilônia e a todos os moradores da Caldéia toda a maldade que fizeram em Sião, à vossa vista, diz o Senhor.’

“Diz o Senhor: ‘Eis-me aqui contra ti, ó monte destruidor, que destróis toda a terra; e estenderei a mão contra ti, e te revolverei das rochas, e farei de ti um monte de incêndio.’” *Jeremias* 51:24, 25.

Isto é muito claramente um pronunciamento contra um reino mau que não é senão Babilônia, o grande destruidor do povo de Deus. Aqui ela é descrita como um monte destruidor.

Em *Apocalipse* 17 Babilônia, a Grande, é levada por uma besta que se diz ter sete cabeças. Estas “sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está assentada.” *Apocalipse* 17:9. “E são também sete reis ...” Versículo 10.

Esta profecia claramente se refere a sete reinos que suportam Babilônia, a Grande, e por causa de suportarem Babilônia, eles também só podem ser reinos maus.

Mas a identificação dos dois montes em *Daniel* 2 faz conhecer um reino diferente. Este é o reino eterno. Ele nunca morrerá. A identificação dos montes como o reino bom de Deus está claramente definida em *Daniel* 2:34, 35, 44, 45. Isto ajuda-nos a compreender a expressão “a pedra foi cortada... sem mãos” o que significa que era de origem celestial, não terrena. Se fosse de origem terrena, teria sido cortada *com* as mãos, isto é, pelo homem.

Por isso, os dois montes apresentados em *Daniel* 2 simbolizam o reino de Deus. Há aquele de onde a pedra é cortada, e há aquele em que a pedra cresce. Quem é representado pela pedra que é cortada e, de certa forma, separada do reino de Deus por um período de tempo?

Este não pode outro senão Cristo que se separou das cortes celestiais para vir a esta Terra e fazer a obra que Deus Lhe tinha dado para fazer.

“Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens;

“E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte e morte de cruz.

“Pelo que também Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que é sobre todo o nome,

“Para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra,

“E toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai.” *Filipenses* 2:7-11

Foi através da Sua encarnação e morte na cruz que Ele foi capaz de alcançar as profundezas mais baixas a que o homem culpado caiu, e a partir desse profundo ponto começar a escalada de volta à Sua restauração completa como o grande Rei de todos os reis e Senhor de todos os senhores. Esse triunfo final será alcançado por procedimentos opostos aos usados por homens egoístas na sua busca pela supremacia do mundo.

Nos símbolos da imagem, os procedimentos do homem e as suas consequências são graficamente representados. O valor em declínio do material indica o declínio do valor moral das nações.

“A imagem revelada a Nabucodonosor, ao mesmo tempo que representa a deterioração dos reinos da Terra no poder e na glória, também correctamente representa a deterioração da religião e da moralidade entre o povo destes reinos. À medida que as nações esquecem Deus, na mesma proporção se tornam moralmente fracos.” *The Youth's Instructor*, 22 de Setembro de 1903.

Outra diferença entre os metais é que se tornam progressivamente mais duros. De todos os quatro, o ouro é o mais macio. Prata, embora razoavelmente macia, é um pouco mais dura do que o ouro. O bronze é ainda mais duro, e o ferro é o mais duro dos quatro. Isto simboliza um aumento da dureza do coração, que é um resultado lógico de uma diminuição do valor moral. O aumento da dureza também simboliza um aumento de um certo tipo de força. A história mostra

que cada reino era maior do que o anterior e detinha mais poder militar e económico até Roma englobar o maior território de todos eles e ostentava os exércitos mais poderosos e bem sucedidos até esse período na história.

O último reino, aquele que pertence a Deus que nunca passará, é um glorioso reino em crescimento, como imaginado pela pedra que foi cortada do monte sem mãos, mas que se torna cada vez maior até encher completamente toda a Terra.

Por mais estranho que seja, a humanidade de um modo geral está absolutamente determinada a rejeitar e a opor-se ao estabelecimento do reino dos Céus. Isto é difícil de entender, pois Deus oferece tanto que irá satisfazer todos os desejos e todas as santas ambições, incluindo a comunhão com o Pai, Jesus Cristo, o Espírito Santo, os anjos, e os remidos que inclui Melquisedeque e Gabriel. No Céu, as fontes de conhecimento ilimitado estarão abertas, os mistérios do Universo serão explicados, e muito, muito mais será provido. Mas não precisamos de pensar que o Céu é o ponto de partida para tudo isto. Todas estas bênçãos começam nesta Terra para o verdadeiro filho de Deus e irá aumentar nesta vida e na vida que está por vir.

Mas há um custo envolvido. É impossível ter o reino celestial e o terrestre. Temos de escolher um ou outro, como Elias declarou perante a assembleia de Israel reunida no Monte Carmelo:

“Então, Elias se chegou a todo o povo e disse: Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-o; e, se Baal, segui-o. Porém o povo lhe não respondeu nada.” *1 Reis 18:21*.

Os homens hesitam em escolher o serviço a Deus porque há dentro deles o espírito de ódio, orgulho e interesse próprio enraizado no mundo ímpio. Como espíritos semelhantes atraem-se uns aos outros, e na medida em que são tão poucos os que exibem alguma disposição para quebrar a comunhão com os poderes das trevas, há que encontrar alguns meios que abrirão os olhos dos homens para ver o valor do tesouro celestial.

O verdadeiro valor da salvação divina só pode ser revelado através de uma vida humana que, libertada do pecado, transmite o poder vivo e infinito de Deus. Isto significa que durante aqueles períodos em que a luz do evangelho brilhou com maior brilho, maior número de almas foi salvo. O tempo da chuva temporã é um exemplo. De acordo com este princípio, será durante a chuva serôdia que em breve virá, será acompanhada por uma eficácia espiritual ainda maior do que aquela que deu poder aos crentes sob o derramamento da chuva temporã, que o maior aumento dos remidos terá lugar.

A necessidade do grandioso poder de Deus em qualquer apresentação do evangelho é claramente vista na prática do ministério de Daniel ao Rei Nabucodonosor. Em primeiro lugar, o rei era uma alma muito pouco receptiva para aceitar o evangelho. Como rei de Babilónia sendo aquele que mais fortemente estava cheio do espírito de Babilónia, estava mais bem equipado para resistir e rejeitar as verdades do evangelho que Daniel apresentou diante dele. Seria de esperar que ele zombasse de quaisquer direitos que o Altíssimo tivesse sobre ele, e pior ainda, perseguir qualquer um que no seu reino se atrevesse a subscrever a mensagem do evangelho. A última coisa que se esperaria que ele fizesse seria curvar-se perante Daniel e louvar o seu Deus.

No entanto, foi isto o que ele fez.

“Então, o rei Nabucodonosor caiu sobre o seu rosto, e adorou a Daniel, e ordenou que lhe fizessem oferta de manjares e perfumes suaves.

“Respondeu o rei a Daniel e disse: ‘Certamente, o vosso Deus é Deus dos deuses, e o Senhor dos reis, e o revelador dos segredos, pois pudeste revelar este segredo.’

“Então, o rei engrandeceu a Daniel, e lhe deu muitos e grandes presentes, e o pôs por governador de toda a província de Babilônia, como também por principal governador de todos os sábios de Babilônia.

“E pediu Daniel ao rei, e constituiu ele sobre os negócios da província de Babilônia a Sadraque, Mesaque e Abednego; mas Daniel estava às portas do rei.” *Daniel 2:46-49*.

Que poder incrível assistiu Daniel e os seus companheiros enquanto serviam o rei de Babilónia. À medida que lemos a história e começamos a entender as reacções do rei, os nossos corações são erguidos na esperança do poderoso derramamento da chuva serôdia quando, mais uma vez, seremos testemunhas de tais conquistas através do derramamento do Espírito Santo de Deus.

Quando a interpretação do sonho foi concluída e o rei tinha caído prostrado diante de Daniel, com isso o rei reconheceu a verdade de que Daniel era uma pessoa muito mais importante do que ele. Esta foi uma inversão surpreendente da habitual avaliação subscrita por aquele rei que se via como o homem mais importante do seu tempo. Ele esperava, sem exigir, que todos os homens em todo o lado reconhecessem a sua “superioridade inqualificável”. Para Daniel, esta questão não constituiu um problema, pois o tema da grandeza pessoal e superioridade não o atraía. Para ele todos os homens eram irmão igualmente dignos de receber a graça de um Deus de amor. Só estava interessado em humilde serviço de amor a todos ao alcance do ministério das suas mãos.

Mas para o Rei Nabucodonosor duas grandes coisas foram realizadas pelo sonho. Ele viu mais do poder e do carácter de Deus, e percebeu que não era ele quem controlava a ascensão e queda das nações. Quando viu que o Deus do Céu escolheu dar-lhe a informação sobre a história futura do mundo, ficou profundamente humilhado. Ele apercebeu-se da facilidade com que Deus poderia ter, a qualquer momento, realizado uma terrível vingança pelas coisas que Babilónia havia feito ao Seu povo escolhido. Mas não o fez. Se Deus tivesse possuído dentro de Si o espírito de ódio e vingança que Nabucodonosor tinha em si mesmo, então Ele teria lidado com os babilónios da mesma forma que eles tinham lidado com o Seu povo. Até agora, essa questão não tinha perturbado o rei, pois não tinha consciência real do invencível poder de Deus. Mas agora que o tinha, a possibilidade de o seu reino sofrer destruição imediata tornou-se muito real. Ele quase procurou a mão de Deus para vingar o Seu povo. Mas encontrou, em vez disso, um Deus de amor e clemente que não procurou condenar, mas justificar, que procurava o arrependimento, não a vingança, que ansiava ver a restauração, não a destruição. Quando o rei disse: “Certamente, o vosso Deus é Deus dos deuses, e o Senhor dos reis, e o revelador dos segredos, pois pudeste revelar este segredo”, estava a testemunhar que o Deus do Céu e da Terra é um Deus diferente de todos os outros. Ele podia agora vê-lo como sendo diferente não só no poder, mas, mais importante ainda, no carácter.

Podeis perguntar por que o Senhor não deu aos outros grandes reis do passado as mesmas revelações do Seu poder e carácter. A resposta é que o Senhor, sendo estritamente imparcial, deu a todos a oportunidade de receber revelações salvadoras do Seu carácter e poder. O facto de alguns dos grandes homens da Terra receberem menos do que outros deve-se a dois factores. Em primeiro lugar, a disponibilidade de instrumentos humanos, e em segundo lugar porque os potentados endurecem os seus corações contra as tentativas de Deus para lhes trazer a luz da verdade. Mas todos tiveram um maior ou menor grau de oportunidade de compreender e experimentar a Sua salvação.

Considerai a experiência de Moisés em relação ao Faraó. Moisés era tão profeta como Daniel. Ambos previram a vinda do Redentor. Moisés falou da vinda do Salvador nestas palavras: “O Senhor, teu Deus, te despertará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu; a ele ouvireis, e porei as minhas palavras na sua boca, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar.” *Deuterónimo* 18:15, 18.

Portanto, não há dúvida de que Moisés é tão profeta como Daniel. Deus através de Moisés avisou repetidamente os egípcios da vinda das pragas para que vissem o poder de Deus e o Seu carácter de amor perdoador. O poderoso Faraó foi tão culpado dos maus-tratos do povo de Deus como era Nabucodonosor, no entanto, a Faraó foi oferecido perdão pelos seus pecados e restauração ao favor divino, tal como ao orgulhoso rei dos babilónios.

Em *Romanos* 9:17 Paulo recorda a palavra de Deus em relação à forma como Ele tratou com o Faraó: “Porque diz a Escritura a Faraó: ‘Para isto mesmo te levantei, para em ti mostrar o meu poder e para que o meu nome seja anunciado em toda a terra.’”

Havia duas maneiras em particular pelas quais Deus poderia ter mostrado o Seu poder em Faraó. A primeira era o orgulhoso monarca aceitar o evangelho, o poder de Deus para salvar do pecado. Se tivesse sido o caso, teríamos visto uma mudança tal no governante do Egipto como só o evangelho pode realizar. Além disso, teria preservado a terra da destruição. O outro caminho, o que ele escolheu seguir, era rejeitar os amorosos apelos de Deus, mantendo o seu espírito de rebelião e apostasia. Ao seguir esta via, ele pôs de lado a protecção de Deus com o resultado de que não havia maneira de fugir às dez pragas terrivelmente destruidoras que eram os poderes da natureza fora do controlo de Deus. Neste caso, o poder de Deus para salvar ainda foi visto, e o Seu povo libertado.

O caminho escolhido pelo Rei Nabucodonosor foi embarcar numa viagem através dos passos da salvação – convicção do pecado, arrependimento, confissão, perdão, verdadeira conversão, consagração e serviço a Deus. Quando o rei babilónico escolheu este caminho, certamente revelou o poder contido no evangelho e mostrou o carácter de amor e benignidade do Senhor. Ele não conseguiu todas estas experiências numa única noite, mas teve um bom começo ao aceitar a interpretação do sonho. Conseguido isso, foi preparado o caminho para ele através de mais triunfos do evangelho, para o avanço de fé para uma maior fé.

Como a escolha foi deixada aberta para todos os poderosos potentados, então está aberta para nós também. Fosse qual fosse a escolha que eles fizessem, o carácter de Deus e o Seu poder era revelado. Mas a forma preferida como Deus quer que o evangelho seja revelado é através da restauração, não através de um endurecimento do coração dos homens.

O caminho escolhido pelo Rei Nabucodonosor foi embarcar numa viagem através dos passos da salvação.

- Convicção do pecado,
- Arrependimento,
- Confissão,
- Perdão,
- Verdadeira conversão,
- Consagração e
- Serviço a Deus.

A forma preferida como Deus quer que o evangelho seja revelado é através da restauração, não através de um endurecimento do coração dos homens.

Capítulo 26

O Poder da Igreja e o Poder do Estado

Já vimos que, com a queda do quarto poder mundial, houve uma mudança no padrão da ascensão e queda das nações. Um único Estado soberano que governa o mundo devia dar lugar a diversos poderes fortes e fracos, como simbolizados pela mistura de ferro e barro.

“E, quanto ao que viste dos pés e dos artelhos, em parte de barro de oleiro e em parte de ferro, isso será um reino dividido; contudo, haverá nele alguma coisa da firmeza do ferro, pois que viste o ferro misturado com barro de lodo.

“E, como os artelhos eram em parte de ferro e em parte de barro, assim por uma parte o reino será forte e por outra será frágil.

“Quanto ao que viste do ferro misturado com barro de lodo, misturar-se-ão com semente humana, mas não se ligarão um ao outro, assim como o ferro se não mistura com o barro.” *Daniel 2:41-43.*

“Não podemos e não devemos esperar união entre as nações da Terra. Nossa posição na imagem de Nabucodonosor é representada pelos dedos do pé, num Estado dividido e feitos de um material fragmentário, que não se une.” *Testemunhos para a Igreja 1:360.*

Que ilustração exacta é esta do estado das nações desde a queda do último poder que governou o mundo, os romanos. Constatamos que esta situação se mantém apesar das repetidas tentativas da parte dos homens para se unirem sob uma única cabeça. No seu objectivo de conseguir este restabelecimento de um único poder mundial, têm sido utilizados diversos planos. Alianças e tratados têm sido escritos e assinados como lei. Alguns tentaram uniões através do casamento e outros têm usado o poder militar. Todos eles representam uma tentativa do homem para construir um império mundial estável e duradouro em que os seus cidadãos terão esperança de encontrar paz e prosperidade. Cada uma destas tentativas foi um fracasso. A mistura de ferro e barro aponta para os esforços humanos pelos quais o homem tenta alcançar este objectivo.

Contudo, o ferro e o barro têm um simbolismo duplo. Eles, não só representam as nações, mas também a mistura do poder da igreja com o poder do Estado.

“Chegámos a um tempo em que a sagrada obra de Deus é representada pelos pés da imagem em que o ferro foi misturado com o barro de lodo. Deus tem um povo, um povo escolhido, cujo discernimento deve ser santificado, que não deve tornar-se profano ao deitar madeira, feno, palha, sobre o alicerce. Todas as almas leais aos mandamentos de Deus verão que o elemento diferenciador da nossa fé é o sétimo dia, o sábado. Se o governo honrasse o sábado como Deus ordenou, ficaria na força de Deus e em defesa da fé outrora entregue aos santos. Mas os estadistas defenderão o sábado espúrio, e misturarão a sua fé religiosa com a observância deste filho do papado, colocando-o acima do sábado que o Senhor santificou e abençoou, separando-o para que o homem santificar, como um sinal entre Ele e o Seu povo a mil gerações. A mistura do poder da Igreja com o poder do Estado é representada pelo ferro e pelo barro. Esta união está a enfraquecer todo o poder das igrejas. Esta entrega à Igreja do poder do Estado trará maus resultados. Os homens quase passaram o ponto da paciência de Deus. Eles investiram a sua força na política, e

uniram-se com o papado. Mas chegará o tempo em que Deus punirá aqueles que tornaram vã a Sua lei, e a sua obra má recairá sobre eles mesmos.”. *The S.D.A. Bible Commentary* 4:1168, 1169

Há muito que aprender a respeito da tentativa de misturar a Igreja e o Estado à medida que avancemos no estudo dos livros de *Daniel* e *Apocalipse*, mas deixaremos isso até chegarmos à porção apropriada de *Apocalipse* onde é dada mais informação. Ali a besta e a sua imagem serão expostas com mais pormenor. A besta foi formada quando a igreja recebeu o poder das autoridades civis a fim de impor os seus decretos. A recusa de qualquer pessoa em acatar estes decretos era enfrentar a perseguição que se tornou mais e mais severa até a pena de morte ser aplicada. Foi então que milhares de milhares sacrificaram as suas vidas em vez de se renderem à perseguição do poder do papado, a besta de *Apocalipse* 13. Para todos aqueles que o fizeram com fé genuína, há um lugar reservado no Céu onde se sentarão no trono da glória de Deus.

No final do século XVIII o papado estava bastante enfraquecido como resultado da corrupção interna conjugado com o dano feito ao seu poder pela grande Reforma Protestante. Em 1798 o pontífice romano, o Papa Pio VI, foi levado prisioneiro e morreu no exílio no ano seguinte. A sua prisão é chamada a “chaga mortal” da besta em *Apocalipse* 13:3.

Está profetizada uma grande recuperação dos poderes perdidos pelo papado e é chamada a cura da “chaga mortal”. *Apocalipse* 13:3. Em seguida, há a besta semelhante ao cordeiro de *Apocalipse* 13:11-18 que convence as multidões a fazerem uma imagem à besta papal. Isto envolverá a bem sucedida solicitação do poder do Estado pelas Igrejas. Assim o poder da Igreja operará de mão dada com o poder do Estado a fim de criar “a grande nova ordem”.

É muito importante para nós saber a que poder se refere cada símbolo de modo que possamos identificar a imagem da besta onde e quando ela aparecer. Como já vimos no testemunho citado atrás, os pés de ferro, misturado com o barro de lodo, indica uma mistura do poder da Igreja com o poder do Estado. Mas, qual é qual? Em *Daniel* 2:41 diz: “... contudo, haverá nele alguma coisa da firmeza do ferro, pois que viste o ferro misturado com o barro de lodo.”

O governo do Império Romano incluindo a sua força militar tem sido usado como um padrão para muitos governos actualmente. Isso é o ferro. O barro é o elemento fraco, isto é a Igreja, que perdeu o poder de Deus por ter apostatado da verdade. Por causa de ter perdido o poder ela foi forçada a procurar o Estado a fim de realizar os seus objectivos. Obviamente ela não admitirá a sua fraqueza, mas relaciona-se com o Estado de tal maneira que consegue obter o controlo dos seus poderes e esconder a sua fraqueza. Isto já aconteceu uma vez. Sucedeu durante o levantamento da besta nos primeiros séculos depois do regresso de Cristo ao Céu.

“Quando se corrompeu a primitiva igreja, afastando-se da simplicidade do evangelho e aceitando ritos e costumes pagãos, perdeu o Espírito e o poder de Deus; e, para que pudesse governar a consciência do povo, procurou o apoio do poder secular. Disso resultou o papado, uma igreja que dirigia o poder do Estado e o empregava para favorecer os seus próprios fins, especialmente na punição da ‘heresia’. A fim de os Estados Unidos formarem uma imagem da besta, o poder religioso deve a tal ponto dirigir o governo civil que a autoridade do Estado também seja empregada pela igreja para realizar os seus próprios fins.” {GC 443}, *O Grande Conflito*, 354.

Todo o poder na Terra e no Céu foi dado ao Filho de Deus. É por esse majestoso poder infinito que Cristo dá poder à Sua igreja na sua santa missão de levar a salvação a todos os homens em todo o lado. Ao avançar com a missão do evangelho, a igreja não deve exercer outro poder senão este. É, portanto, um sinal que a igreja perdeu o único poder legítimo que pode ter quando procura e consegue o poder do Estado para impor a sua vontade ao mundo.

“A Igreja estava totalmente consciente de ter perdido o poder de Deus antes de procurar o poder do Estado. Se não estivesse, nunca teria feito quaisquer aberturas à autoridade imperial, nem receberia com favor quaisquer incursões dela. Há um poder que pertence ao evangelho de Cristo e é inseparável da verdade do evangelho; isto é, o poder de Deus. De facto, o evangelho é apenas a manifestação desse poder; porque o evangelho ‘é o poder de Deus para a salvação de

todo aquele que crê.' Portanto, enquanto qualquer ordem ou organização de pessoas que professa o evangelho de Cristo mantiver em sinceridade o princípio do evangelho, o poder de Deus estará com eles e não necessitam de qualquer outro poder para fazer sentida a sua influência onde sejam conhecidos. Mas logo que qualquer pessoa ou associação que professe o evangelho perca o seu *espírito*, assim o *poder* também desaparece. Então, e somente então, essa organização procura outro tipo de poder para preencher o lugar daquele que foi perdido.

"Assim aconteceu com a Igreja deste tempo. Ela caiu, caiu deploravelmente, da *pureza* e da *verdade* e, portanto, do *poder* do evangelho. Tendo perdido o poder de Deus e da divindade, avidamente procurou o poder do Estado e dos incrédulos. E com o fim de assegurar leis pelas quais pudesse impor a sua disciplina e dogmas sobre os quais havia perdido o poder tanto para convencer como para persuadir, foi claro o propósito que o bispado tinha em vista quando fez esse acordo com Constantino e cedeu-lhe a influência da Igreja nas suas aspirações imperiais." *Great Empires of Prophecy*, por Alonzo T. Jones, 472.

A aplicabilidade do barro como símbolo do poder da Igreja é confirmada por Deus através de Jeremias, o profeta:

"A palavra do Senhor que veio a Jeremias, dizendo:

"Levanta-te, e desce à casa do oleiro, e lá te farei ouvir as minhas palavras.

"E desci à casa do oleiro, e eis que ele estava fazendo a sua obra sobre as rodas.

"Como o vaso que ele fazia de barro se quebrou na mão do oleiro, tornou a fazer dele outro vaso, conforme o que pareceu bem aos seus olhos fazer.

"Então veio a mim a palavra do Senhor, dizendo:

"Não poderei eu fazer de vós como fez este oleiro, ó casa de Israel? diz o Senhor: eis que, como o barro na mão do oleiro, assim sois vós na minha mão, ó casa de Israel." *Jeremias* 18:1-6.

Foi dada ordem a Jeremias para ir e observar a obra do oleiro. Quando ele o fez, a palavra do Senhor veio a ele explicando o simbolismo usado. O barro representava "a casa de Israel" ou o professo povo do Senhor. Deus, o oleiro especializado, foi representado a fazer um vaso nas rodas. Diversas coisas acerca dos vasos de barro ilustram as vidas do povo de Deus. No princípio, antes do vaso estar cozido pelo sol ou no forno pode ser moldado uma e outra vez. Assim é com as nossas vidas. Se a pessoa crente em Jesus mantém a sua mente aberta e sensível à influência do Espírito Santo, os erros podem ser rectificadas e um novo começo pode ser feito. isto é simbolizado pelo quebrar do vaso enquanto o oleiro estava a tentar dar-lhe forma e a sua tentativa para o formar de novo. Porém, depois do processo de cozedura ter colocado o barro fora da possibilidade de mais mudanças, é então tarde demais para dar nova forma ao vaso. Assim é com a vida humana. Se chega o tempo em que o preconceito, orgulho e teimosia, cegam os olhos e fecham a mente, torna-se impossível penetrar as obscurecidas câmaras da alma. Esse desenvolvimento torna a pessoa incapaz de receber a luz e ser modificada por ela.

Há uma lição no facto que o vaso começa como uma massa de barro molhado e sem forma. Incapaz de dar forma a si próprio, depende do oleiro para se tornar num vaso com utilidade. Assim é com um mensageiro humano da verdade viva. Eu penso na fragilidade da criança humana. Nada há que ela possa fazer por si mesma excepto chorar a pedir auxílio. Do mesmo modo nos assuntos espirituais somos tão frágeis como um bebé ou um cordeiro que se extravía do rebanho.

"A ovelha desgarrada do rebanho é a mais desamparada de todas as criaturas. Precisa ser procurada pelo pastor, pois não pode, sozinha, encontrar o caminho de volta. O mesmo se dá com a alma que se desviou de Deus; está tão desamparada quanto a ovelha perdida, e se o amor divino não fosse salvá-la, jamais poderia achar o caminho para Deus." {PJ 94}, *Parábolas de Jesus*, 187.

"Nada pode ser mais indefeso e ainda assim mais invencível do que a alma que sente a sua insignificância, e confia totalmente nos méritos de um crucificado e ressuscitado Salvador. Deus

enviaria todos os anjos do Céu para ajudar aquele que coloca toda a sua dependência em Cristo, em vez de permitir que ele seja vencido.” *The Signs of the Times*, 12 de Janeiro de 1915.

Para os que têm um verdadeiro sentido da sua fragilidade e da sua grande necessidade pessoal, está escrita a seguinte promessa:

“Em todos os tempos e lugares, em todas as tristezas e aflições, quando a perspectiva se afigura sombria e o futuro cheio de perplexidade, e nos sentimos desamparados e sós, o Consolador será enviado em resposta à oração da fé. As circunstâncias podem-nos separar de todos os amigos terrestres; nenhuma, porém, nem mesmo a distância, nos pode separar do Consolador celeste. Onde quer que estejamos, aonde quer que vamos, Ele encontra-Se sempre à nossa direita para apoiar, sustentar, erguer e animar.” {DTN 474}, *O Desejado de Todas as Nações*, 728.

Vasos de barro apresentam-se num amplo leque de formas e tamanhos normalmente destinados a satisfazer necessidades específicas. Alguns são usados para guardar líquidos tal como óleos, sumos de frutos e água. Outros guardam grãos, sementes e farinha. Mas qualquer que seja a maneira como são usados, a forma básica de os utilizar é muito igual. Eles normalmente são colocados na vertical sobre as suas bases e necessitam de ser cheios por outra pessoa, porque não podem encher-se a si próprios. Juntando a isto, geralmente necessitam de ser cheios por cima. Uma vez cheios, estão prontos para servir o seu conteúdo sendo derramado conforme necessário. Assim o verdadeiro crente apenas pode ser cheio de cima, isto é, dos infinitos suprimentos que encontram a sua Fonte no Céu. Em seguida segundo a necessidade, a sua vida deve ser derramada em terno e amoroso serviço aos outros. Desse modo, é um canal através do qual as bênçãos celestiais chegam à alma necessitada aqui na Terra. Este sistema de suprimento que satisfaz a necessidade urgente, é maravilhosamente ilustrada quando Cristo miraculosamente alimentou a multidão começando apenas com alguns pães pequenos e um par de peixes.

O suprimento de poder que Cristo através da Sua vida de oração havia recebido do Pai, serviu para criar alimento. Ele passou-o aos Seus discípulos que por sua vez o distribuíram pelo povo até todos ficarem satisfeitos.

“Os discípulos foram o meio de comunicação entre Cristo e o povo. Isto devia ser um grande encorajamento para os Seus discípulos hoje em dia. Cristo é o grande centro, a fonte de toda a força. D’Ele os discípulos devem receber a provisão. Os mais inteligentes, os mais bem dotados espiritualmente, só podem comunicar, à medida que recebem. Não podem, por si mesmos, suprir coisa alguma às necessidades da alma. Só podemos transmitir aquilo que recebemos de Cristo; e só o podemos receber à medida que o comunicamos aos outros. Na proporção em que continuamos a dar, continuaremos a receber; e quanto mais dermos, tanto mais havemos de receber. Assim estaremos continuamente crendo, confiando, recebendo e transmitindo.” {DTN 258}, *O Desejado de Todas as Nações*, 395.

Um vaso de barro bem cheio pode ter um conteúdo valioso, contudo, o valor não se encontra no vaso, mas no conteúdo do vaso, tal como escreveu Paulo:

“Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós.” *2 Coríntios 4:7.*

Esta é outra forma de descrever a vida do cristão como sendo “Cristo em vós a esperança de glória.” *Colossenses 1:27*. O tesouro no vaso é Jesus Cristo. Quando Ele esteve na Terra, foi o maior tesouro que jamais habitou num vaso de barro que era a Sua humanidade. A humanidade de Cristo, embora cheia com este incalculável tesouro, era apenas e ainda um vaso de barro. A presença do tesouro que estava nele não fez com que vaso de barro mudasse para vaso de ouro ou prata. Portanto, não importa quão poderosa testemunha de Cristo vos possais tornar, continuareis a ter o evangelho num vaso de barro, ou por outras palavras, o vosso testemunho de Cristo será sempre dado através da vossa carne e sangue caídos, pecadores e mortais. Deus podia ter usado formas muito mais espectaculares de convidar homens a participar no banquete do

evangelho, mas, na Sua infinita sabedoria, escolheu usar vasos de barro humildes através dos quais oferece a salvação ao perdido.

“‘Temos, porém, este tesouro,’ prosseguiu o apóstolo, ‘em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós.’ Deus poderia ter proclamado Sua verdade por meio de anjos sem pecado, mas este não é Seu plano. Ele escolhe seres humanos, homens repassados de fraquezas, como instrumentos na execução de Seus desígnios. Os tesouros de valor inapreciável são colocados em vasos terrestres. Por intermédio de homens Suas bênçãos devem ser transmitidas ao mundo. Por meio deles Sua glória deve brilhar em meio às trevas do pecado. Em amável ministério devem ir ao encontro dos necessitados e dos pecadores e guiá-los à cruz. E em toda a sua obra devem tributar glória, honra e louvor d’Aquele que é sobre tudo e sobre todos.” {AA 184}, *Atos dos Apóstolos*, 330, 331.

A manifestação final das invenções humanas, quando o homem procurar numa base mundial estabelecer o seu modo de construir o reino no lugar de Deus, será a imitação mais magistral alguma vez concebida e executada. Mas em vez de um tesouro no vaso, aqui será uma mistura de vasos de barro com ferro. A mistura do poder do Estado com o poder da Igreja será verdadeiramente o estabelecimento da imagem da besta. Isto será a entrega dos poderes civis para obrigar pela força à obediência às leis religiosas. A lei de Deus será o alvo do ataque à medida que os homens fazem leis exigindo que todas as pessoas, em todo o lado, observem o domingo como sendo o dia santo da semana.

“À Lei e ao Testemunho! se eles não falarem segundo esta palavra, nunca verão a alva’ Isaiás 8:20. O povo de Deus é encaminhado para as Santas Escrituras como a salvaguarda contra a influência dos falsos ensinadores e poder ilusório dos espíritos das trevas. Satanás emprega todo o artifício possível para impedir os homens de obter conhecimento da Bíblia; pois os claros ensinamentos desta põem a descoberto os seus enganos. Em todo o avivamento da obra de Deus o príncipe do mal está desperto para actividade mais intensa; aplica actualmente todos os seus esforços em preparar-se para a luta final contra Cristo e os Seus seguidores. O último grande engano deve logo patentear-se diante de nós. O anticristo vai operar as suas obras maravilhosas à nossa vista. Tão meticulosamente a contrafacção se parecerá com o verdadeiro, que será impossível distinguir entre ambos sem o auxílio das Sagradas Escrituras. Pelo testemunho destas, toda a declaração e todo o prodígio deverão ser provados.” {GC 593}, *O Grande Conflito*, 477.

“O inimigo das almas deseja estorvar esta obra; [a da chuva serôdia]; e antes que chegue o tempo para tal movimento, esforçar-se-á por impedi-la, introduzindo uma contrafacção. Nas igrejas que puder colocar sob o seu poder sedutor, fará parecer que a bênção especial de Deus foi derramada; manifestar-se-á o que será considerado como grande interesse religioso. Multidões de pessoas exultarão de que Deus esteja operando maravilhosamente por elas, quando a obra é de outro espírito. Sob o disfarce religioso, Satanás procurará estender a sua influência sobre o mundo cristão.” {GC 464}, *O Grande Conflito*, 371.

Para termos alguma esperança de penetrar esse engano, temos que apurar as nossas percepções espirituais e aumentar a nossa capacidade de lidar com os poderes das trevas. Aquilo que levará ao estabelecimento da suprema contrafacção do sistema de Deus serão as trevas mais profundas que jamais se desenvolveram neste planeta. A causa mais recente para a magnitude desta contrafacção foi o fracasso do povo do advento em completar a obra que Deus lhe deu para fazer. Tendo perdido a disposição de avançar numa agressiva guerra cristã, voltaram à condição de Laodiceia de cujo estado enganador nunca recuperaram. Por isso, não tem havido um impacto significativo na corrente da apostasia no mundo.

A apostasia é sempre seguida pela ruína. Quanto mais profunda for a apostasia, mais terrível e extensa será a ruína. Por fim a ruína será total em nação após nação, até a destruição se tornar global.

Entretanto, as forças da lei e da ordem serão atormentadas pela crescente impotência e serão vistas como tendo perdido o poder para controlar os elementos criminosos do mundo. O Estado estará preparado para aceitar qualquer solução ao passo que serão apresentados argumentos que os verdadeiros observadores do sábado são a verdadeira causa de todos os problemas do mundo.

“E então o grande enganador persuadirá os homens de que os que servem a Deus estão motivando esses males. A classe que provocou o descontentamento do Céu atribuirá todas as suas inquietações àqueles cuja obediência aos mandamentos de Deus é perpétua reprovação para os transgressores. Declarar-se-á que os homens estão ofendendo a Deus pela violação do descanso dominical; que este pecado acarretou calamidades que não cessarão antes que a observância do domingo seja estritamente imposta; e que os que apresentam os requisitos do quarto mandamento, destruindo assim a reverência pelo domingo, são perturbadores do povo, impedindo a sua restauração ao favor divino e à prosperidade temporal. Assim se repetirá com motivos igualmente bem definidos a acusação feita na antiguidade contra o servo de Deus: ‘E sucedeu que, vendo Acab a Elias, disse-lhe Acab: És tu o perturbador de Israel? Então disse ele: Eu não tenho perturbado a Israel, mas tu e a casa de teu pai, porque deixastes os mandamentos do Senhor, e seguistes a Baalim’ 1 Reis 18:17, 18. Ao despertar-se a ira do povo por meio de falsas acusações, agirão para com os embaixadores de Deus de modo muito semelhante àquele que o apóstata Israel seguiu com relação a Elias.” {GC 590}, *O Grande Conflito*, 473.

Estes argumentos serão perfeitamente calculados para excitar a fúria do povo que, até à altura destes acontecimentos, não terão mostrado disposição digna de nota para culpar outros pelas terríveis perdas de saúde, riquezas e vidas. Os povos desta Terra sofreram incríveis desastres naturais e crimes ao longo dos anos anteriores em particular – terremotos, inundações, secas, erupções vulcânicas, terrorismo, e muito mais. Até esta altura, tudo isto permaneceu grandemente fora das acusações e agitação da “não santificação do domingo”.

Mas isso virá. Começará com o esforço para estabelecer a santificação do domingo como solução para os sofrimentos e problemas dos homens. Os que se preparam para este trabalho fá-lo-ão com a mais grave preocupação com a segurança e o bem-estar do povo. Serão profundamente religiosos e verdadeiramente crerão que são verdadeiros mensageiros do Altíssimo. Eles aparecerão em cena com sinceridade e afirmarão ser totalmente dedicados ao Senhor e ao Seu povo. Cantarão os mesmos hinos que os observadores do sábado, confessarão que Jesus Cristo é o Salvador e Rei vindouro, citarão a Bíblia e operarão milagres de cura e conversão. Poderosas serão as suas afirmações de que estão totalmente empenhados na construção do reino de Deus, e o verdadeiro povo de Deus tem que estar preparado para reconhecer que há sentido naquilo que eles dizem. Não um, mas ambos os lados estarão determinados a alcançar os mesmos objetivos gerais.

Onde está então a diferença? Ela está no facto de que a Igreja e o Estado unidos quererão construir o reino de Deus da forma errada. Insistirão na continuação destes procedimentos errados apesar das repetidas advertências das Escrituras do contrário. Esta forma de construir o reino é inaceitável a Deus porque ela produz os maiores males possíveis e por fim resultará na destruição total.

O que acentuará a situação depois da agitação do domingo começar será o soar das mais terríveis advertências jamais dirigidas aos mortais. Isto será feito no solene poder da chuva serôdia. Homens e mulheres levantar-se-ão contra esta luz que de grande maneira divulgará a verdade de como Deus constrói o reino em oposição ao modo como os homens o fazem. Por todo o lado haverá intensa agitação à medida que homens e mulheres lutam com todos os seus poderes para sufocar a mensagem ou compreendê-la e depois proclamá-la.

“A mais terrível ameaça que jamais foi dada aos mortais, acha-se contida na mensagem do terceiro anjo. Deverá ser um terrível pecado que acarretará a ira de Deus, sem mistura de

misericórdia. Os homens não devem ser deixados em trevas quanto a este importante assunto; a advertência contra tal pecado deve ser dada ao mundo antes da visitação dos juízos de Deus, a fim de que todos possam saber porque esses juízos são infligidos, e tenham oportunidade de escapar. A profecia declara que o primeiro anjo faria o anúncio a «toda a nação, e tribo, e língua, e povo». A advertência do terceiro anjo, que faz parte da mesma tríplice mensagem, deve ser não menos difundida. É representada na profecia como sendo proclamada com grande voz, por um anjo voando pelo meio do céu; e se imporá à atenção do mundo.” {GC 590}, *O Grande Conflito*, 358, 359.

Essa advertência será dirigida contra a besta e sua imagem que é a união do poder da Igreja com o poder do Estado. Mas assim como estes dois não se misturam, seguramente também os imensos problemas mundiais não serão solucionados, pelo contrário, tornar-se-ão cada vez piores, até que nada será deixado excepto sete últimas pragas para completar a obra de devastação total.

Quando as pragas caíram sobre o antigo Egito e desde então, muitas pessoas têm inquestionavelmente acreditado que cada praga foi uma deliberada punição administrada por Deus aos Seus inimigos, mas a finalização do grande conflito revelará que todas as pragas, tanto as do passado como as do presente e do futuro, são o fruto da transgressão da divina lei da vida. A mistura do Poder da Igreja com o poder do Estado será de igual modo exposto como a fonte dos mais terríveis males que podiam acontecer à humanidade.

Capítulo 27

A Justiça Exalta a Nação

Os últimos dois versículos de *Daniel 2* revelam que o impacto do sonho e da interpretação na mente do monarca babilónico foi muito grande.

“Então o rei Nabucodonosor caiu sobre o seu rosto, e adorou a Daniel, e ordenou que lhe fizessem oferta de manjares e perfumes suaves.

“Respondeu o rei a Daniel, e disse: Certamente, o vosso Deus é Deus dos deuses, e o Senhor dos reis, e o revelador dos segredos, pois pudeste revelar este segredo.

“Então, o rei engrandeceu a Daniel, e lhe deu muitos e grandes dons; e o pôs por governador de toda a província de Babilónia, como, também, por principal governador de todos os sábios de Babilónia.

“E pediu Daniel ao rei, e constituiu ele sobre os negócios da província de Babilónia a Sadraque, Mesaque e Abednego; mas Daniel estava às portas do rei.” *Daniel 2:46-49*.

Este foi um resultado feliz para os quatro fiéis que tinham arriscado as suas vidas a fim de cumprir o propósito de Deus de transmitir a verdade do evangelho ao rei. Quando a missão lhes foi primeiramente apresentada, a avaliação da perspectiva humana de sobrevivência por entregar fielmente a mensagem de Deus ao rei dava-lhes pouca oportunidade para continuarem com vida. Havia alguns factores, em circunstâncias normais, que lhes assegurava isto. O rei já estava enfurecido pelo fracasso dos sábios que estiveram perante si com pretensiosas reivindicações. Nem ele, que se havia mostrado um babilónio, estava inclinado a respeitar aqueles que seguiam os próprios princípios contra os quais ele tinha estado em guerra até essa altura, princípios que ele acreditava destruiriam completamente Babilónia.

Além disso, ser salvo por esses quatro hebreus numa situação tão crítica onde os seus melhores sábios tinham falhado tanto, era uma grave ferida para a monarquia. Normalmente falando, isto seria inaceitável para o rei.

O mesmo tipo de situação tinha o jovem Davi no seu confronto com o gigante filisteu, Golias. Quando aquele poderoso guerreiro desafiou Israel a enviar um campeão que pudesse lutar com ele, esperou que lhe enviassem um grande e poderoso homem de armas. Porém, quando o jovem apareceu desprotegido e sem armadura e não levando consigo outra arma que não uma funda, sentiu que estava a ser tratado com desdém. Enfurecido por este golpe ao seu orgulho, planeou matar rapidamente o “insignificante” jovem pastor.

Todavia, Davi tinha instruções do Senhor que lhe ordenavam lutar com Golias e, uma vez que elas lhe tinham sido dadas, era preciso obedecer-lhes implicitamente. Semelhantemente, Daniel foi colocado numa situação de risco de vida quando lhe foi ordenado que transmitisse uma mensagem ao rei de Babilónia. Nenhum destes dois homens de fé deviam questionar as indicações de Deus. Não lhes cabia a eles avaliarem as suas hipóteses de sucesso por um lado, ou a possibilidade de fracasso por outro. Pelo contrário, deviam obedecer ao princípio que os cristãos não têm que se preocupar com as consequências. Estas deviam ser deixadas inteiramente com Deus. Os resultados eram completamente da responsabilidade de Deus.

“As mesmas provações foram experimentadas por homens de Deus nos séculos passados. Wycliffe, Huss, Lutero, Tyndale, Baxter, Wesley, insistiam em que todas as doutrinas fossem submetidas à prova da Bíblia. declarando que renunciariam a tudo que esta condenasse. Contra

esses homens desencadeou-se a perseguição com fúria implacável; não cessaram, todavia, de declarar a verdade. Cada um dos diferentes períodos da história da igreja se tem distinguido pelo desenvolvimento de alguma verdade especial, adaptada às necessidades do povo de Deus naquele tempo. Toda a nova verdade teve de enfrentar o ódio e a oposição; os que foram beneficiados por sua luz, sofreram tentações e provações. O Senhor dá ao povo uma verdade especial quando este se encontra em situação difícil. Quem ousa recusar-se a publicá-la? Ele ordena aos Seus servos que apresentem o último convite de misericórdia ao mundo. Eles não podem permanecer silenciosos, a não ser com perigo da sua alma. Os embaixadores de Cristo nada têm que ver com as consequências. Devem cumprir o seu dever e deixar os resultados com Deus.” {GC 609}, *O Grande Conflito*, 489.

Foi certamente uma emergência terrível que de repente irrompeu sobre Daniel e os seus três amigos naquele fatídico dia. Não pode haver maior emergência do que a ameaça de destruição do povo de Deus, seja pela apostasia ou morte. Após o teste acerca da dieta do rei alguns anos antes, somente quatro pessoas ficaram como verdadeiros servos de Deus na corte do rei. Agora aqueles quatro estavam em grande perigo. À medida que esta crise sobre o sonho esquecido do rei se desenvolveu, a ameaça contra a continuação da igreja na corte babilônica agravou-se a cada minuto que passava. Foi o confronto com uma emergência verdadeiramente importante na qual Deus deu verdades especiais que Ele requeria que o Seu povo declarasse.

Embora proclamar essa mensagem parecesse suicídio, Daniel não ousou recusar torná-la conhecida. Ele não podia permanecer em silêncio senão com perigo da sua alma. Ele sabia que não tinha que ver com as consequências. Cumpriu o seu dever e deixou os resultados com Deus.

Jesus ensinou este princípio quando recusou render-se à pressão para quebrar o Seu jejum de quarenta dias no deserto. Ali Ele mostrou que a obediência a qualquer custo é o que o Senhor pede de nós e que esse é o único caminho seguro a seguir. Tudo o resto é o caminho da morte. Deve ser claramente compreendido que Deus não exige esta obediência apenas como um meio de reforçar a Sua suprema autoridade. Ele conhece as consequências que advirão de qualquer tentativa de construir o Seu reino de alguma outra forma. Portanto, envia instruções, que se perfeitamente obedecidas, garantirão o sucesso.

“Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus.’ Muitas vezes o seguidor de Cristo é colocado em situação em que não lhe é possível servir a Deus e continuar os seus empreendimentos mundanos. Talvez pareça que a obediência a qualquer claro preceito da parte de Deus o privará dos meios de subsistência. Satanás quer fazê-lo crer que deve sacrificar as convicções da sua consciência. Mas a única coisa no Mundo em que podemos repousar é a palavra de Deus. ‘Buscai primeiro o reino de Deus, e a Sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.’ Mateus 6:33. Mesmo nesta vida não nos é proveitoso afastarmo-nos da vontade do nosso Pai do Céu. Quando conhecermos o poder da Sua palavra, não seguiremos as sugestões de Satanás para obter alimento ou para salvar a vida. A nossa única preocupação será: Qual é o mandamento de Deus? Qual é a Sua promessa? Sabendo isto, obedeceremos ao primeiro e confiaremos na segunda.” {DTN 76}, *O Desejado de Todas as Nações*, 123.

“A nuvem que era uma grande parede de trevas para os egípcios, para os hebreus era uma grande inundação de luz, iluminando o acampamento todo, e derramando o fulgor no caminho diante deles. Assim, o trato da Providência traz aos incrédulos trevas e desespero, enquanto à alma confiante é repleta de luz e paz. A senda por onde Deus guia, pode estender-se através do deserto ou do mar, mas é um caminho seguro.” {PP 202}, *Patriarcas e Profetas*, 294.

Os acontecimentos que tiveram lugar na vida de Daniel serão repetidos nos capítulos finais da história do povo de Deus e do mundo. Somente aqueles que, como Daniel, nada têm que ver com as consequências, serão instrumentos bem sucedidos no serviço de Deus. Eles devem cumprir o seu dever sob a direcção de Deus independentemente do custo. É bom lembrar que na crise, grande ou pequena, sempre sentiremos uma pressão. Talvez o nosso bom nome, sustento,

posses, ou até mesmo as nossas vidas sejam ameaçados. A reacção natural da natureza humana é seguir o caminho mais fácil para nos salvarmos da perda. Contudo, é uma regra segura que se fizermos os nossos planos para nos salvarmos do desastre, então os resultados dos nossos erros cairão sobre nós mais tarde ou mais cedo. Por outro lado, se ignorarmos a ameaça que se levantou por causa da obediência às ordens de Deus não importa quão terríveis ou totais as consequências possam parecer, Deus dar-nos-á uma solução para o problema que no final se mostrará completamente satisfatória. Jesus solenemente avisou-nos para estar em guarda contra as ciladas de Satanás das nossas próprias obras. “Porque qualquer que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, mas qualquer que por amor de mim, perder a sua vida, a salvará.” *Lucas 9:24*.

A tentativa de Pilatos para salvar a sua posição quando foi chamado a sentenciar Cristo à crucifixão, é um excelente exemplo do resultado destes princípios.

“A implícita ameaça na declaração dos sacerdotes, em relação à sua fidelidade a César, intimidava Pilatos, para que cedesse às exigências da multidão, e condenasse Jesus à crucifixão em vez de pôr em risco a sua posição. Mas aquilo que ele próprio receava veio apesar das suas precauções. As suas honras foram-lhes retiradas; foi destituído do seu elevado cargo; e, magoado pelo remorso e orgulho ferido suicidou-se não muito tempo depois da crucifixão.” *The Spirit of Prophecy 3:146*.

Outro que procurou salvar-se a si próprio foi Félix. Ele rejeitou a verdade que Deus lhe apresentou através do ministério de Paulo e tal como Pilatos, ao tentar salvar-se a si mesmo, perdeu o seu tesouro terrestre e também o celestial.

“Félix foi finalmente chamado a Roma, por causa de graves males feitos aos judeus. Antes de deixar Cesareia em resposta a esse chamado, desejou ‘comprazer aos judeus’, deixando Paulo na prisão. Mas Félix não alcançou êxito em sua tentativa de readquirir a confiança dos judeus. Foi removido do cargo em desvalimento, e Pórcio Festo foi indicado para sucedê-lo, com sede em Cesaréia.” {AA 238}, *Atos dos Apóstolos*, 427.

O destino possível que ameaçava a boa rainha Ester quando desejou fazer um apelo em favor das vidas o povo de Deus, era a morte. Mas ela ignorou as consequências com as palavras, “e perecendo, pereço”. O resultado nunca a venceu. Pelo contrário, ela cumpriu o seu dever com perfeito sucesso como o dedicado instrumento pelo qual Deus foi capaz de salvar o Seu povo escolhido da destruição.

Foi muito bom que Daniel e os seus três companheiros tivessem rejeitado qualquer tentação para salvar as suas vidas comprometendo a mensagem que Deus havia dado para eles pregarem, porque, se tivessem seguido esta política, não apenas teriam falhado completamente em alcançar o conhecimento do sonho, mas também teriam perdido as suas vidas como resultado. Esse não teria sido um feliz, mas trágico resultado para a causa da verdade e para os quatro jovens pessoalmente.

Porém, vivendo fielmente pelo princípio que não teriam que se preocupar com as consequências da obediência, colheram muito mais do que a libertação da morte. Tal como José, foram designados para os mais elevados cargos administrativos na terra onde seriam chamados a responder apenas perante o rei. Daniel foi feito “governador de toda a província de Babilónia, como também por principal governador de todos os sábios de Babilónia”. *Daniel 2:48*.

Agora o resultado tornou-se muito feliz. As maravilhosas bênçãos estenderam-se para além da salvação dos quatro fiéis à igreja de Deus. Pensai no poder que Daniel possuía por ser o mais poderoso no reino da Terra nessa altura! Lembrai, ele era ainda um jovem com menos de vinte e cinco anos quando este acontecimento teve lugar. Normalmente eram necessários anos de experiência para ocupar tão exaltada posição e muitas horas de preparação, de modo que, apenas homens maduros ou idoso podiam estar qualificados. Mais ainda, esses elevados cargos eram normalmente vedados a estrangeiros, a menos que aparecesse um de capacidade excepcional e

que tivesse confirmado a sua lealdade ao novo regime ao ponto de não haver qualquer questão, dúvida ou perigo.

No que respeita ao rei Nabucodonosor, a falta de experiência da parte de Daniel não constituía qualquer problema. Em vez disso, ele viu neste jovem capacidades quase incríveis que superavam qualquer falta de experiência prática. O rei estava completamente convencido de que Daniel podia ocupar a posição melhor do que qualquer outro na Terra. Confiou que Daniel lhe prestasse inamovível lealdade em todos os momentos e lugares. Além do mais, viu claramente que este homem tinha uma aberta comunhão com o Deus do Céu, o Deus que tinha acabado de realizar um prodígio que nenhum dos seus deuses tinha conseguido. Ele acreditou que este Deus daria a Daniel tudo o que era necessário para desempenhar os seus deveres e que nenhum problema se lhe oporia. O rei encontrou em Daniel uma pessoa de integridade e humildade tal que se sentiu perfeitamente seguro a respeito dele. Para um governante esta era uma posição cobiçada, pois os tronos e poderosos potentados estavam sempre ameaçados de usurpação dos que ambiciosamente procuravam o poder. Diz a sabedoria que “A inquietação habita sobre o que usa uma coroa.”

Quando um homem é nomeado como chefe principal de todos os sábios da nação, é-lhe colocado nas mãos o poder de moldar a nação. É isto que se espera dele. Mais ainda, o homem escolhido é designado porque as suas convicções melhor exprimem a vontade do chefe dos chefes dessa nação.

Eu vi este princípio em operação há alguns anos quando, devido a uma vaga no Supremo Tribunal dos Estados Unidos da América, um novo Juiz foi proposto pelo Presidente para ocupar a posição. Antes de assumir o cargo, a nomeação tinha que ser ratificada pelo Senado. Durante dias o candidato era interrogado para mostrar a sua posição quanto a acontecimentos actuais e passados. Tão profundo era o exame, tão difícil era satisfazer os vários examinadores, que me admiro como alguém podia ter esperança de obter o apoio suficiente de senadores para ser aceite para o cargo. Quando foi feita a votação, este Juiz em particular não foi aceite.

Quando Nabucodonosor deu a Daniel uma elevada posição, fê-lo porque teve opinião favorável quanto à influência que ele teria sobre o reino. O rei não deu a sua própria posição pessoal e poder a Daniel de modo que Daniel tivesse ilimitado poder controlador sobre o reino. Ele ainda considerava todos sob o seu domínio como servos dos seus interesses. Contudo, o rei estava no processo de conversão. Os interesses de Daniel estavam a tornar-se os seus interesses. Embora não compreendesse nem aceitasse toda a forma de pensar de Daniel, estava tão profundamente influenciado que desejava que Daniel influenciasse a nação de acordo com os caminhos justos formados pelo Deus do Céu e manifestados na própria vida de Daniel. Para Babilónia, uma nova era tinha começado. Foi o nascer de um novo dia. Exactamente como Deus tinha procurado gentilmente e com amor converter o rei através de Daniel, assim procurou converter a nação através do Seu fiel e poderoso servo.

A acção para dar grandes honras a Daniel indica que o rei foi grandemente influenciado pelos princípios da justiça como se revela pela grande imagem, a pedra que a destruiu e pelos dois montes. Estava a nascer na mente do rei que “a justiça exalta as nações, mas o pecado é o opróbrio dos povos.” *Provérbios 14:34.*

“Compreender que ‘a justiça exalta as nações;’ que ‘com justiça se estabelece o trono’ e que ‘com benignidade’ (*Provérbios 14:34; 16:12; 20:28*) ele é mantido; reconhecer a operação destes princípios na manifestação de seu poder que ‘remove os reis e estabelece os reis’ (*Daniel 2:21*) — corresponde a entender a filosofia da História.” *Educação*, 175.

Quão diferente teria sido a história se Israel diligentemente se tivesse estabelecido a si mesmo como uma nação justa em vez de tentar construir um reino de justiça pelo uso de princípios de operação injustos! Isto não pode ser feito. É tão fútil como qualquer tentativa para produzir bom fruto numa árvore má. A destruição tem sido sempre o resultado da tentativa de construir reinos

de poder e duradouros desta forma. Um exemplo verdadeiramente excelente disto é a semente lançada que levou à Revolução Francesa.

“Mal imaginavam os governantes do país [França] os resultados daquela política fatal. O ensino da Sagrada Escritura teria implantado no espírito e no coração do povo os princípios de justiça, temperança, verdade, equidade e benevolência, que são a própria pedra basilar da prosperidade da nação. ‘A justiça exalta as nações.’ Donde, ‘com justiça se estabelece o trono’. Provérbios 14:34; 16:12. ‘O efeito da justiça será paz, e a operação da justiça repouso e segurança, para sempre’. Isaías 32:17. O que obedece à lei divina é o que melhor respeitará e obedecerá às leis do seu país. O que teme a Deus honrará o rei no exercício de toda a autoridade justa e legítima. Mas a desditosa França proibiu a Bíblia e condenou os seus discípulos. Século após século, homens de princípios e integridade, homens de agudeza intelectual e força moral, que tinham coragem de confessar as suas convicções e fé para sofrer pela verdade, sim, durante séculos esses homens labutaram como escravos nas galeras, pereceram na fogueira, ou apodreceram nas celas das masmorras. Milhares e milhares encontraram segurança na fuga; e isto continuou por duzentos e cinquenta anos depois do início da Reforma.” {GC 277}, *O Grande Conflito*, 224.

É o propósito do divino Mestre revelar a cada governante dos homens, desde os chefes mundiais até ao mais pequeno administrador da Terra, que o caminho da justiça é o único caminho pelo qual o reino de Deus será construído na Terra. Para alcançar este objectivo a nível mundial, o que o Senhor necessita são poderosos professores espirituais que sejam capazes como foi Daniel de abrir os olhos aos reis e governantes ao ponto de serem totalmente convencidos que este é único caminho seguro a seguir. Eles seguirão então o caminho que Nabucodonosor seguiu e não repetirão os trágicos erros que arruinaram a França e todas as outras nações da história que rejeitaram os caminhos de Deus.

Os princípios estabelecidos nestas grandes lições do passado são tão válidos hoje como quando foram dados há tanto tempo. Não pode ser de outra maneira porque eles são a expressão das imutáveis leis eternas de Deus. O sucesso ou fracasso de uma nação é o resultado da causa e do efeito, não por causa do incitamento ou políticas de decretos de homens finitos que estão sempre a mudar.

Do mesmo modo, muitos, mesmo cristãos, não vêem hoje a relevância das vidas e lições do passado. O passado permanecerá teórico até serem capazes de traduzi-lo na experiência pessoal. Somente quando a história se torna a nossa experiência será Deus capaz de cumprir os Seus desejos e revelar através das crianças e juventude de hoje, as mesmas verdades que foi capaz de revelar através de Daniel e José nos seus dias. Que maravilhoso dia será esse quando a profecia contida nos parágrafos que se seguem forem abundantemente cumpridos!

“As mesmas grandiosas verdades que foram reveladas por estes homens, Deus deseja revelar por meio dos jovens e crianças de hoje. A história de José e Daniel é uma ilustração daquilo que Ele fará pelos que se entregam a Ele, e que de todo o coração procuram cumprir o Seu propósito.” *Educação*, 57.

Quais são as mesmas grandiosas verdades que Deus mostrou através de Daniel e José e que Ele desejava revelar hoje através daqueles que com todo o coração procuram cumprir o Seu propósito?

Primeiramente, a grande verdade a ser revelada é o evangelho de Jesus Cristo, o poder de Deus para libertar de todas as formas de pecado e doença e estabelecer dentro de cada crente o espírito da verdade e abundante saúde. Outra verdade revelada no evangelho é que a justiça exalta as nações, independentemente de quão grande ou pequeno esse reino seja.

Quando o Senhor nos ensinou a orar, indicou-nos que pedíssemos que o reino de Deus fosse estabelecido dentro de nós. Mas, o que constitui um reino? Esta pergunta não pode ser aqui respondida em todos os ângulos, mas consideremos o aspecto do governo. Todos os reinos têm que ter um chefe, seja um rei, presidente, ou simplesmente uma pessoa nomeada para o efeito. Há

normalmente pelo menos uma pessoa a quem consultar e a necessidade de pelo menos um súbdito. Uma unidade familiar composta por um pai, uma mãe e um filho, é um reino. Esta é a dimensão mais pequena para um reino entre os seres humanos. Do outro lado da escala, reinos crescem em imensas proporções, mas continuam a ser reinos. Normalmente, quanto maiores e mais poderosos eles se tornam, mais opressora é a sua governação embora não tenha que ser assim.

dois exemplos de grandes reinos são os israelitas e os egípcios. Ao permitir aos israelitas passarem algum tempo como escravos dos senhores egípcios do reino do Egipto, Deus procurou ensinar tanto aos egípcios como aos hebreus que a justiça exalta uma nação, ao passo que a injustiça completamente a destrói não importa quão grande ou pequena, complexa ou simples seja a estrutura organizativa.

Contudo, tanto os hebreus como os seus opressores falharam em aprender a lição e forjaram as suas próprias grilhetas. As pragas reduziram o número dos egípcios e muitos pereceram afogados no Mar Vermelho. Apesar dos filhos de Israel serem maravilhosamente libertados do Egipto, acabaram por ser espalhados por toda a parte, a sua bela cidade foi destruída e o seu glorioso templo desolado. Parecia que o padrão continuaria para sempre sem remissão enquanto nação atrás de nação seguiam da prosperidade para a ruína. Mais alguns exemplos são os filisteus, moabitas, cananeus, ninivitas, assírios, edomitas, babilónios, medos, persas, gregos, romanos e todos os conquistadores do mundo que jamais tentaram levantar-se a si próprios.

A todos eles, de uma forma ou de outra, Deus enviou a maravilhosa verdade que a justiça estabelece e exalta uma nação. Porém, entre todos eles, não houve um que estivesse disposto a respeitar a verdade. Embora alguns pudessem ter feito bons começos, posteriormente rejeitaram o princípio que a justiça exalta uma nação.

Um ponto brilhante entre outros na história marca o tempo e o lugar onde quatro jovens mais poderosamente revelaram esta verdade na palavra e na vida. Serem capazes de fazer isto sem provocar a ira do rei, mas em vez disso inspirá-lo a uma activa emulação, foi um emocionante acontecimento digno de ser copiado por outras nações. O monarca babilónio pensou de modo tão elevado acerca destes princípios de construção do reino tanto quanto os compreendeu de modo que decidiu exaltar o seu reino designando Daniel “governador de toda a província de Babilónia, como, também por principal governador de todos os sábios de Babilónia”. Com Daniel em tal posição de controlo, era a certeza de que o reino de Babilónia era governado cada vez mais nos caminhos da justiça e que estava a ser exaltado cada vez mais alto.

Tem havido outros pontos brilhantes na história quando os poderosos patriarcas e profetas antes e depois do dilúvio construíram os seus reinos em justiça. Depois do dilúvio existiram homens como Abraão, Isaque, Jacó, Moisés, vários juízes, Samuel e diversos reis e profetas. Precisamente tanto quanto a sua influência se estendeu, todos estes homens e mulheres defenderam a mensagem que a justiça estabelece um reino, exalta-o e assegura o seu futuro. Por outro lado, injustiça é a corporização de tudo o que divide e destrói. Esta foi a mensagem revelada ao rei no notável sonho da imagem constituída por vários metais.

Com sabedoria, Deus começou num ponto de referência com o qual o rei Nabucodonosor estava familiarizado, nomeadamente, o estabelecimento do reino de Babilónia. Ele sabia como esse reino fora construído, pois fora ele que o construiu. Ele viu, à medida que o Espírito Santo despertava as suas percepções para o certo e o errado, que o seu magnífico reino, Babilónia, tinha seguramente sido construído em injustiça e, portanto, não seria exaltado, mas humilhado. Ele viu que só uma mudança podia salvar a sua orgulhosa cidade.

Durante algum tempo, as condições foram satisfeitas e durante algum tempo, a desintegração foi adiada. Depois da morte do rei Nabucodonosor, os que herdaram o seu trono mostraram uma fatal rejeição do princípio que a justiça exalta uma nação e regressaram à política de construção do reino através da injustiça. O resultado inevitável era a decadência e a ruína.

Semelhantemente os medo-persas se lançaram no programa de conquista do mundo com total desrespeito pelas lições da história recente. Eles avançaram como se não houvesse uma única lição a ser aprendida com qualquer ou todas as grandes nações do passado. Em consequência, a Medo-Pérsia levantou-se e caiu como a sua antecessora Babilónia. Por sua vez então, exactamente pelas mesmas razões, a Grécia, Roma e os reinos divididos deviam levantar-se e cair.

Deus não interferiu no processo arbitrariamente, mas deu ao homem ilimitada liberdade de escolha para aprender as grandes lições da história ou rejeitar as suas claras e oportunas mensagens.

Entretanto, Deus estava a construir um reino exaltado pela justiça como é simbolizado pela poderosa pedra cortada do monte sem mãos. Embora os seus princípios fossem desprezados pelos homens, na plenitude da história humana que se aproximava os homens receberiam a demonstração final do resultado da terrível experiência do modo humano de construir reinos por um lado e da resposta divina por outro.

O rei estava tão convencido pelo que tinha ouvido nessa noite tanto tempo antes, que estava preparado para aceitar o conselho dado por Daniel. O rei fez isto a respeito do pedido de Daniel que os seus três amigos fossem também designados para posições elevadas no reino. Durante o drama que envolvia a revelação do sonho e da sua interpretação, parece que Daniel era a pessoa principal. Foi ele que intercedeu por causa do tempo, recebeu a revelação do Céu, agradeceu ao Senhor a grande bênção recebida, esteve perante o rei e recebeu a adoração do monarca. Daniel reconheceu que estava agora colocado numa posição de maravilhosa oportunidade para estabelecer Babilónia como uma nação justa. Como uma parte dessa obra ele necessitava de homens como Sadraque, Mesaque e Abednego que estivessem com ele em mente e coração. Ninguém havia que igualasse estes três ajudantes de Daniel. E a obra da justiça avançou grandemente pelo ministério deles. A sua obra resultou por fim na conversão do rei. Todavia, o próprio Daniel estava na corte do rei, a posição de onde ele era melhor capaz de observar os negócios da nação.

Continua...

Outros Estudos do Mesmo Autor

- A Grande Multidão
- A Igreja de Deus Não É Babilónia
- A Mente de Cristo
- A Revelação da Lei
- A Salvação das Crianças
- A Vida em Justiça
- A Vida em Justiça e o Sábado de Deus
- A Vinda de Cristo Retardada – Porquê?
- A Vitória da Fé
- Acordai Para a Justiça e Não Pequeis Mais!
- As Profecias de Daniel
- Confissão Aceitável
- Da Escravidão para a Liberdade
- Destino de um Movimento
- Eis Aqui o vosso Deus (Um Estudo do Carácter de Deus)
- Enfrentando o Julgamento
- Estudos Sobre Daniel e Apocalipse
- Eu Penso como Homem
- Justificado pela Fé
- Mais Pensamentos Sobre o Carácter de Deus
- Melquisedeque
- O Caminho de Deus no Santuário
- O Repouso do Sábado de Deus
- O Seu Número é 666
- Orai Pela Chuva Serôdia
- Os 144 000 – Quem Serão os Membros desse Ilustre Grupo?
- Os 4 Anjos
- Os Acontecimentos dos Últimos Dias
- Os Três Templos
- Os Vivos e os Mortos
- Outro Olhar Sobre Atos 3:19
- Renascimento e Reforma
- A Nossa Própria Imagem da Besta
- As Duas Babilónias e o Povo Santo
- Despertai para a Justiça e Não Pequeis Mais
- Eis Aqui o Vosso Deus – Um estudo sobre o carácter de Deus
- Ordem Evangélica
- Os Sete Anjos

www.jfernandesblog.wordpress.com